

A VISÃO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE NO ATENDIMENTO A PESSOAS COM SURDEZ

Denise Aparecida Pires **VAIROLETTI**¹

Profa. Esp. Rosangela Aparecida Araújo **FERREIRA**²

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de apresentar a realidade no atendimento de profissionais da saúde a pessoas com surdez, evidenciando os Surdos diante das barreiras na comunicação e no acesso em unidades de saúde, expondo os meios alternativos que profissionais utilizam para não colocar em risco o atendimento a ser prestado ao paciente com surdez e fazendo uma análise da comunicação nos serviços de saúde ressaltando os meios que esses utilizam para estabelecer e proporcionar uma assistência de saúde adequada. Sendo a comunicação um meio fundamental para interpretar e identificar sintomas, o estudo aborda a importância de um intérprete/tradutor da Língua Brasileira de Sinais LIBRAS e o conhecimento básico para um atendimento inclusivo e digno a pessoa com surdez. Essa é uma pesquisa bibliográfica documental e que mostra como os obstáculos podem ser diminuídos. Ressaltando o posicionamento do SUS – Sistema Único de Saúde para que os surdos, assim como todas pessoas com deficiência de todas naturezas tenham segurança e clareza ao utilizar um serviço de saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Surdez; comunicação; saúde

1. Introdução

Ao procurar um serviço de saúde pessoas com surdez desejam atendimento digno, acolhimento e que suas necessidades sejam atendidas com segurança. Neste tocante essa realidade necessita quebrar barreiras da comunicação. (PIRES, ALMEIDA, 2016)

A realidade dos serviços de saúde está distante do que se espera, como afirmam,

“O indivíduo Surdo, ao buscar atendimento na Unidade de Saúde, encontra como bloqueio, na sua comunicação com a equipe. Por não fazer uso da língua verbal, o mesmo se comunica através da Língua de Sinais (LIBRAS), sendo desconhecida pelos profissionais de saúde, na maioria das vezes, e com ausência de intérpretes no local, a assistência para com o surdo, deixa de ser humanizada e eficaz. (PIRES, ALMEIDA, 2016, p. 69)

¹ Pós-graduando em Libras - Departamento de Pós-Graduação – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – Denise_vairoletti@hotmail.com

² Professora Especialista em Língua Brasileira de Sinais – Docente – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – roaferreira@hotmail.com

Muitos profissionais da saúde desconhecem a importância da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, língua natural dos Surdos, sendo assim a comunicação passa por um processo traumatizante para ambas as partes, os profissionais utilizam de competências e conhecimento profissionais de cuidados de humanização onde permitem interagir com o paciente surdo, realizando técnicas de comunicação com a finalidade de ajudá-lo tornando a troca de informações de maneira pouco convencionais uma maneira de compreender e resolver seus problemas de saúde sem comprometer a assistência a ser prestada.(SILVA, BASSO, FERNANDES, 2014)

Muitos pacientes com Surdez sentem-se inseguros, muitos não atingem um esclarecimento acerca de exames e como serão realizados, diagnósticos da doença, medicações prescritas e o uso destas medicações a instruções de curativos, faltando informações necessárias para seu tratamento. (PIRES, ALMEIDA, 2016)

Atualmente mesmo com grandes avanços como a Lei nº10.436/2002 reconhecendo a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio de comunicação das pessoas com surdez e o Decreto nº5626/2005 que regulamenta essa Lei, muitos profissionais não sabem ou nunca ouviu falar nesta Lei e nem na dimensão que ela que assegura a comunidade surda. (BRASIL, 2005)

Aos profissionais da saúde cabem o mínimo de conhecimento sobre a pessoa com Surdez e as leis que a asseguram.

“Os profissionais de saúde tem como dever aprender e reconhecer a língua de sinais como forma de interação do Surdo com o mundo, o que resultaria não apenas no combate às patologias, mas na diminuição dos obstáculos que insistem em interferir na comunicação adequada.” (PIRES, ALMEIDA, 2016, p.75)

2. O Surdo e a Oralização

Historicamente os surdos percorreram caminhos tortuosos para serem aceitos na sociedade, para serem reconhecidos e provar ao mundo o seu valor, suas capacidades cognitivas e habilidades. O preconceito da sociedade e da própria família muitas vezes os deixavam de lado impedindo seu desenvolvimento.

“Os seres humanos, no decorrer da história, tentaram entender e aceitar as diferenças físicas, linguísticas e culturais. Mas também não se pode negar que nem sempre tenham agido com a melhor das intenções. O fato é que muitas vezes, os preconceitos geraram regras extraoficiais de tratamento” (OLIVEIRA, P.35, 2011)

Embora tenham lutado e muitas vezes fracassado, ainda sim eram grupos fortes, queriam se firmar na sociedade e não serem vítimas da dominância oralista. Nessa perspectiva GESSER, (2012, p.88) afirma, “os surdos herdaram um legado que é fruto de ações passadas marcadas por opressão, discriminação, dominação e proibições. Felizmente vemos na atualidade diversas iniciativas e mudanças positivas na educação dos surdos”.

Assim sendo a interação com o surdo e a forma de nos comunicarmos por muitos anos foi equivocada, priorizando sempre o oralismo a comunicação total, distanciando a importância de sua língua materna, a língua de sinais. (MERSELIAN, VITALIANO, 2009)

O surdo era estimulado a fala, considerado melhor método na época, para o desenvolvimento na comunicação de surdo. (OLIVEIRA, 2011)

O oralismo é a forma de comunicação que se restringe somente a fala e vigorou por muitos anos na educação de surdos. “Nesta filosofia são utilizados três elementos para seu desenvolvimento que são: o treinamento auditivo, a leitura labial e o desenvolvimento da fala e também o uso da prótese individual que amplifica os sons.” (MERSELIAN, VITALIANO, p. 3743, 2009)

Entretanto a aquisição da língua oral para os surdos é extremamente difícil, não ocorrendo da mesma forma que uma criança ouvinte. Claramente Quadros afirma,

“Apesar do investimento de anos na vida de uma criança surda na sua oralização, ela somente é capaz de captar, através da leitura labial, cerca de 20% da mensagem e, além disso, sua produção oral, normalmente, não é compreendida por pessoas que não convivem com ela.” (QUADROS, p.23, 1997)

Essa perspectiva que o surdo necessita ser ajustado dentro de uma sociedade, de maioria ouvintista, está em desuso, atualmente grande parte da população tem conhecimento que o surdo tem cultura e identidade própria. Sendo a sua principal identidade a sua língua, a língua de sinais. Diante deste contexto a proposta do uso da língua de sinais é referência sociointeracionista do surdo. Sua língua materna aquela que ele expressa seu pensamento, articula seu diálogo e interage com outros indivíduos. (OLIVEIRA, 2011)

” As línguas de sinais são naturais, pois surgiram do convívio entre as pessoas. Elas podem ser comparadas à complexidade e expressividade das línguas orais, pois pode ser passado qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou racional, complexo ou simples por meio delas”. (RUBIO et al, 2014, p.3).

No Brasil os surdos contam com uma lei que os amparam, a lei Nº 10.436/2002 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinando as garantias de inclusão da Libras nos cursos de formação de professores e o decreto 5.626/2005 que regulamenta a lei. (BRASIL, 2005)

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

A pessoa com surdez utiliza de recursos visuais, sua comunicação se dá através de imagens, gravuras e a língua de sinais. Estudiosos ao longo dos anos perceberam que a condição cognitiva não implica na surdez e que o surdo poderia sim se socializar. (OLIVEIRA, 2011)

O equívoco desta concepção é entender sinais como gestos. Na verdade, os sinais são palavras, apesar de não serem orais auditivas. Os sinais são tão arbitrários quanto as palavras. A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem e expressar quaisquer ideias abstratas. Podemos falar sobre as emoções, os sentimentos, os conceitos em língua de sinais, assim como nas línguas faladas. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.31-37)

Libras: Língua Brasileira de Sinais, é um sistema linguístico que é usado pelos surdos e ao contrário que muitas pessoas pensam não é mímica. “A língua de Sinais tem estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística” GESSER, 2009, p.33).

3. A saúde pública no Brasil e a acessibilidade.

O Sistema Único de Saúde – SUS, foi implantado no Brasil em 1988, trazendo grandes mudanças para a saúde Pública no Brasil, suprimindo as necessidades básicas de saúde, deixando um modelo hospitalocêntrico para trás. Um dos principais atributos do Sistema Único de Saúde – SUS é a universalização do atendimento, proporcionando atendimento em caráter geográfico territorial e garantindo acesso a todos os usuários. (MENDES, MIRANDA, FIGUEIREDO, DUARTE E FURTADO, 2012)

Sendo assim, Mendes, 2012, refere-se acesso como:

“Acesso é considerado um dos atributos essenciais para o alcance da qualidade nos serviços de Saúde, no entanto, é um conceito complexo que varia entre diversos estudiosos, inclusive na sua terminologia. Alguns utilizam o termo

acesso, outros o termo acessibilidade, sendo eles muitas vezes empregados de forma ambígua e intercalados". (MENDES, 2012, p.2094)

Nessa Ambiguidade de conceito há um modelo geográfico onde o acesso à uma Unidade Básica de Saúde, seja próximo e direcionado a todos, onde promova qualidade na saúde e no atendimento. (MENDES, 2012)

E outro conceito acessibilidade destaca-se a Inclusão Social, destinada à Pessoa com Deficiência, garantindo assistência específica à sua condição seja ela Física, Auditiva, Visual, Intelectual ou Múltipla, com atendimento à agravos de doenças e manutenção integral a saúde. (BRASIL, 2008)

No Brasil ainda há muita dificuldade na Inclusão Social de pessoas com deficiências, atualmente vivemos em uma sociedade preconceituosa e individualista. (SILVA, BASSO, FERNANDES, 2014)

E o desafio está na educação e conscientização da população, nesse sentido destaca-se que:

"Compreender o processo de inclusão social que é proposto hoje à sociedade exige conhecimento da história sobre como foram tratadas as pessoas com deficiências, explicitada em quatro momentos distintos, a saber: exclusão, segregação, integração e inclusão." (CHAVEIRO, BARBOSA, 2005, p. 418)

Para romper as barreiras do acesso foi criada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) Lei Nº 13.146 de 06/07/2015. Garantindo acesso social para todas pessoas com necessidades especiais promovendo a participação social e exercício da cidadania e igualdade a todos. (BRASIL, 2015)

No que se refere a pessoa com surdez, a barreira na comunicação dificulta o atendimento em unidades de saúde e uma assistência adequada ao Surdo, pois muitos estabelecimentos de saúde não dispõem de intérprete de Língua de Sinais. E mesmo com a força da legislação ainda enfrentam obstáculos. (CHAVEIRO E BARBOSA, 2005)

No que se refere a pessoa com surdez, a barreira na comunicação dificulta o atendimento em unidades de saúde e uma assistência adequada ao Surdo, pois muitos estabelecimentos de saúde não dispõem de intérprete de Língua de Sinais. E mesmo com a força da legislação ainda enfrentam obstáculos. (ARANHA, 2001, p.20)

O profissional da saúde, ao receber uma pessoa com surdez estabelece uma atenção voltada ao ato tranquilizador e de transmitir confiança, de modo que sua aproximação traga segurança onde seja favorável um bom relacionamento, o uso de gestos, mímicas, leitura labial,

expressão corporal e uso da escrita para Surdos alfabetizados ainda são muito utilizados de maneira que permitem estabelecer uma comunicação ainda que deficiente, porém aceitável por ambos. (SILVA, BASSO, FERNANDES, 2014)

4. Considerações Finais

Consideramos a comunicação verbal um meio importante de interação entre os indivíduo para haver compreensão no contexto em que se insere, porém essa prática fica restrita em alguns casos, por exemplo, as pessoas com Surdez profunda, que possuem a comunicação restrita somente ao seu campo de visão, manifestando-se também através de expressões faciais, corporais e gestos, sendo assim sem o uso da oralidade.

Os Surdos precisam e devem se expressar na língua materna que pertencem, a Língua de Sinais. O silêncio não quer dizer que não sintam dor e que seus corpos não necessitem de cuidados terapêuticos de saúde.

Ao procurar serviços de saúde sentem medo, angústia e a incerteza de que serão compreendidos ou se suas dúvidas serão esclarecidas ou atendidas conforme suas necessidades. Por outro lado, profissionais da saúde tendem a interagir com pacientes com surdez da mesma maneira como com todos pacientes que cuidam. Mas, isso não seria o bastante para a comunidade surda, necessitam de pessoas que respeitem sua língua e deficiência, que quebrem barreiras e que deem o mínimo de qualidade na assistência a pessoa com surdez.

Portanto, respeitar o Surdo e a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, assegurando a ele e todas as pessoas com deficiência, um atendimento digno e humanitário procurando se comprometer com a qualidade e não se limitar as pessoas ouvintes e nas facilidades do trabalho, seria muito relevante. E que profissionais da saúde tivessem comprometimento e a certeza de que todos sem distinção pudessem ser acolhidos nos serviços de saúde como garante o SUS – Sistema Único de Saúde. Para tanto seria importante desmitificar a dificuldade em aprender LIBRAS e que todo Surdo sabe ler e escrever perfeitamente nas normas da Língua Portuguesa.

5. Referências

ARANHA, M.S.F. **Paradigmas da relação da sociedade com as PsDs**. Revista do Ministério Público do Trabalho, ano XI, nº 21, 2001.

BRASIL. **Lei nº10.436, de 24 de Abril de 2002. Lei da Língua Brasileira de Sinais; Lei de Libras**. Brasília, DF, 2002.

_____**Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000.** Brasília, DF, 2005.

BRASIL, LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 31 out. 2018.

_____**Ministério da Saúde. Secretária de Educação à Saúde.** Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **A Pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde/ Ministério da Saúde.** 2. Ed.- Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A.; **Assistência ao Surdo na Área de Saúde como Fator de Inclusão.** Revista Escola de Enfermagem USP. 2005. Vol. 39. pp. 417-422.

GESSER, A.; **Libras? Que língua é essa? Crenças e Preconceitos em Torno da Língua de Sinais e da Realidade Surda.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.

_____**A.; O ouvinte e a Surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2012.

MENDES, A.C.G; MIRANDA, G.M.D.; FIGUEIREDO, O.E.G.; DUARTE, P.O.; FURTADO, N.M.A.S.M.; **Acessibilidade aos Serviços Básicos de Saúde: um caminho ainda a percorrer.** Departamento de Saúde Coletiva. Centro de Pesquisa Fundação Osvaldo Cruz. Campus UFPE, pp 2903-2012, Recife, PE, 2012.

MERSELIAN, K. T.; VITALIANO, C.R.; **Análise Sobre a Trajetória Histórica da Educação dos Surdos.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Paraná: PUC, 2009.

OLIVEIRA, L.A.; **Fundamentos Históricos Biológicos e Legais da Surdez.** Curitiba, PR: IESDE BRASIL S/A, 2011.

PIRES, H. F; ALMEIDA, M.A.P.T.; **A Percepção do Surdo Sobre o Atendimento nos Serviços de Saúde.** Revista Enfermagem Contemporânea. Salvador, Jan./Jun., pp.68-77, 2016.

QUADROS, R. M.; **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre, Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** ArtMed: Porto Alegre, 2004.

RUBIO, J. A. S., QUEIROZ, L. S. **A aquisição da Linguagem e Integração Social: A LIBRAS como formadora de identidade do surdo.** São Roque – SP: Faculdade de São Roque, Revista Eletrônica Saberes da Educação, vol. 5, nº 1, 2014. Disponível em <http://www.facsaroque.br/novopublicacoes/publi_atual_2014.html> . Acesse em 01 de novembro de 2018.

SILVA, P.S.; BASSO, N.A.S.; FERNANDES, S.R.C.M.; **A Enfermagem e a Utilização da Língua de Sinais no Atendimento ao Deficiente Auditivo.** Revista Uningá Review- vol. 17, pp. 05-12. 2014.